

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO SOCIAL

FERREIRA, Edinei de Gómes.
edineideddy@hotmail.com

SANTOS, George Silva.
giomim@gmail.com

CARVALHO Keyse Muniz S
keysems@hotmail.com

BRAGA, Suelly Mendes. (Orientadora)
Graduada em Letras – Português, Prof^a Esp. do curso de Letras – Português da
Universidade Tiradentes – UN T.
profa_suelly@yahoo.com.br

RESUMO

A sociedade atual exige de cada indivíduo uma participação mais ativa do saber, mediante as transformações que ocorrem com tanta rapidez no mundo praticamente “digitalizado”. As palavras abreviadas nos textos escritos seja em papel ou na tela de um computador, demonstram a rapidez do processo das informações. Abreviar não é incorreto, mas as palavras precisam ser escritas nos textos em sua integralidade para garantirem o sentido real das informações, através do conhecimento dos processos que compõem a Língua Materna. A sociedade contemporânea já não mais admite alfabetizados funcionais. Alfabetizar e letrar tornam-se possíveis à medida que o indivíduo além de codificar e decodificar signos e sons, aprende a ler e a escrever, adquire habilidades e competências para

a leitura e para a escrita, incorporando um conjunto de práticas sociais que o leva a ser capaz de agir com autonomia, de mostrar iniciativa e ter capacidade de análise e decisão para compreender o sentido e significado das palavras. Nessa perspectiva, o presente artigo objetiva analisar o ensino de língua portuguesa na perspectiva do letramento social, através da importância da escrita e da leitura e da aplicabilidade de recursos tecnológicos previamente planejados pelo professor, ser constituinte e constituído, capaz de transformar a sala de aula em um ambiente harmônico e interativo para a produção do conhecimento.

PALAVRAS- CHAVE

Língua portuguesa, letramento social, professor.

ABSTRACT

The current society demand of each individual involve more active to know faced with transform into that happen so quickly in the world almost all "digitized". The abbreviate words in the writings text as much paper as computer's screen show us the speed of informations processed. Abbreviate it's not wrong. But the words must be insert in the text of way full to assure the information sense real, through knowledge of processes that make mother tongue up. The contemporary society already doesn't accept illiterate person any more. To teach become possible as the individual apart from process sign and sounds, they learn, to read and to write, they acquire skill and competentfull in order to reading and writing making a set of society practice that lead then to act through your own efforts, show initiative and to be able to analyse and decision to understand the sense and meaning of words. This way, the present article have the objective to analyse the teach of portuguese language. objectiving the sociative teach, through importance of writing and reading, of text genres and application of device technology scarcely planned by teacher, able to transform into the classroom in a place peaceful and interactive to produce of knowledge.

KEY WORDS

Portuguese language, society teach and teacher.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva analisar questões que norteiam o ensino de língua portuguesa e alguns deslaminhos que o tornam mais normativo do que eficiente e legitimamente prático, bem como apontar novas reflexões possíveis para se repensar o ensino e a aprendizagem da língua materna, considerando-se as contribuições do letramento social.

Como explicar o porquê de muitas crianças, jovens e adultos alfabetizados saberm ler e escrever, mas não saberm expressar, seja de forma oral ou escrita, a compreensão ou as ideias reprodução do pensamento através de palavras?

O fazer pedagógico alicerça-se no pensar e no agir do professor, que toma a todo o momento decisões respaldadas e mtudo que acredita ser o mel hor.

No percurso metodológico desse estudo de caráter qualitativo e bibliográfico, os passos foram assim definidos: leitura dos teóricos mais representativos sobre a temática, pesquisa e sites, fichamentos, reuniões para discussões dos estudos, definição dos tópicos e dos teóricos que sustentariam a linha de argumentação, reuniões de orientação, redação e revisão final do trabalho.

Para tanto, este artigo foi organizado em cinco tópicos que abordarão perspectivas deste objeto de estudo. O primeiro tópico apresenta alguns conceitos de letramento na visão de conceituados autores. O segundo, cujo título é A importância da escrita no ensino de Língua Portuguesa, subdivide-se em dois subitens: Como alcançar uma boa escrita? Os gêneros textuais e sua importância no ensino de língua, mostrando que o domínio da gramática é útil para que se produza um bom texto, sem deixar de lado a utilização da coerência e da coesão como elementos fundamentais para a compreensão do que se escreve, e os gêneros textuais como expressões orais e escritas, resultados de enunciados produzidos socialmente.

O terceiro tópico aborda a importância da leitura para a formação de consciência crítica, autônoma e consciente, diluindo-se em quatro subitens que demonstram a leitura e seus desdobramentos, a leitura versus postura ativa do leitor, a importância da leitura e da alfabetização e a leitura e o contexto social.

O quarto e o último tópico ilustram-se com o letramento digital como uma nova porta para a aprendizagem mediante os diversos recursos tecnológicos que aliados aos

processos de ensino são eficazes na formação do cidadão inserido na sociedade contemporânea, concluindo, há um subitem que aponta a aplicabilidade de recursos tecnológicos para o ensino da Língua Portuguesa.

2 CONCEITOS DE LETRAMENTO

Para Soares (2009), o vocábulo Letramento não existe nos dicionários atuais por se tratar de um termo que surgiu no discurso dos especialistas da Educação e das Ciências Linguísticas, na segunda metade da década de 80. Essa palavra aparece num dicionário de língua portuguesa editado há mais de um século, o *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, de Caldas Aulete: na sua 3ª edição brasileira em 1974, cujo verbete “letramento” caracteriza a palavra como “ant.”, isto é, “antiga, antiquada”, com significado de “escrita”; remete ainda para o verbo “letrar” que como transitivo direto, atribui a acepção de “investigar, soletando” e, como pronominal “letrar-se”, com a acepção de “adquirir letras ou conhecimentos literários”, diferentemente do que hoje se atribui a esse conceito.

Letramento é uma versão para o Português da palavra da língua inglesa *literacy*, que etimologicamente vem do latim *littera* (letra), com o sufixo *-cy* que denota qualidade, condição, estado, fato de ser. Já Britto (2005) diz que a expressão *literacy*, foi praticamente trazida, durante todo o século passado, para o português como *alfabetização*. O termo letramento foi introduzido por Mary Kato, no livro *No mundo da escrita – uma perspectiva psicolinguística*, produzido para os cursos de letras e professores de português, como um neologismo que viera a ser dicionarizado em 2001, no lançamento do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. A autora comenta o conceito da palavra dizendo que:

A função da escola é introduzir a criança no mundo da escrita tornando-a um cidadão fundamentalmente letrado. Isto é, um sujeito capaz de fazer uso da linguagem escrita para a sua necessidade individual de crescer cognitivamente e para atender às várias demandas de uma sociedade que prestigia esse tipo de linguagem como um dos instrumentos de comunicação. (...) A chamada norma-padrão, ou língua falada culta é consequência do letramento, motivo porque, indiretamente, é a função da escola desenvolver no aluno o domínio da linguagem falada institucionalmente aceita. (KATO, 1986, p. 7).

Letramento para Ângela Kleiman (1994), em *Significados do Letramento*, o primeiro livro a trazer a palavra no título, define como sendo:

(...) um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos. (...) O fenômeno do letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita (KLEIMAN, 1994, p. 19-20).

Leda Tfouni, (1995) e embora compreendendo Letramento como um campo de estudo, mais do que um processo, diferencia-o de alfabetização:

A alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para a leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem. Isso é levado a efeito, em geral, por meio do processo de escolarização e, portanto, de instrução formal. A alfabetização pertence, assim, ao âmbito do individual.

O letramento, por sua vez, focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita. Entre outros casos, procura estudar e descrever o que ocorre nas sociedades quando adotam um sistema de escritura de maneira restrita ou generalizada. (...) O letramento tem por objetivo investigar não somente quem é alfabetizado, mas também quem não é alfabetizado, e, nesse sentido, desliga-se de verificar o individual e centra-se no social. (TFOUNI, 1995, p. 9-10).

Já Mígdala Soares (1998) no livro *Letramento, um tema em três gêneros*, o qual se tornou referência para implementação e divulgação deste conceito, defende que:

Letramento é o resultado da ação de ensinar e aprender a ler e escrever. O estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apoderado da escrita (...). Já a alfabetização no meio aquele que apenas aprendeu a ler e escrever, não aquele que adquiriu o estado ou a condição de quem se apropriou da escrita, incorporando as práticas sociais que as demandam (SOARES, 1998, p. 20).

Letrado é uma pessoa erudita, versada em letras (letras significando literatura, línguas), e iletrado, pessoa que não tem conhecimentos literários, analfabeta ou quase analfabeta. Este reducionismo do conceito não dá conta do alcance que os estudos sobre letramento trouxeram para o surgimento de novas reflexões sobre o papel social da aprendizagem escolar.

3 A ESCRITA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Atualmente, o ensino de língua portuguesa tem sofrido muitas mudanças, mas até do que sofreu ao longo dos últimos tempos. Por isso é de suma importância repensar o seu ensino nos cursos de letras para que se possa preparar professores capacitados e aptos para ensinar e escrever textos de forma de qualidade com unidade de sentido. Para Feitosa (2000), escrever é parte inerente ao ofício do pesquisador e não costuma ser tarefa fácil para ninguém já que normalmente as pessoas sentem muita dificuldade de passar para o papel as suas ideias, porque nem sempre dominam as competências necessárias. O autor então comenta:

Parce que a primeira razão para esse "sofrimento" está naquilo que é, ao mesmo tempo, causa e efeito da crise em que se encontra a comunicação escrita: a pouca eficácia do ensino de redação nas escolas e a falta de treinamento específico para a redação didática, decorrentes de total desprestígio em que caiu a língua escrita como meio eficiente de comunicação. Hoje, "falamos números, os dados estatísticos, os fatos, os gráficos, os VTs. (Feitosa, 1991, p. 12).

É bom lembrar que a sociedade exige do profissional, seja ele médico, jornalista, engenheiro ou professor a capacidade de transpor para o papel o que lhe for solicitado. Mas para muitos, isso é complicado, pois durante muitos anos, a prática da leitura e da escrita para a produção de textos foi substituída por uma exagerada preparação para concursos e vestibulares, fazendo com que sejam somente decoradas regras e nomenclaturas gramaticais, sem uma verdadeira reflexão sobre a língua. O resultado são usuários que se veem em situações desconfortáveis quando são solicitados a escreverem com consciência, competência e autonomia, já que o modelo de ensino não considera a língua do ponto de vista dos estudos linguísticos, os quais apontam para uma constante reflexão sobre o que afirma Calvet (1942), que as línguas não podem ser decretadas, pois são produtos da história e da prática dos falantes e que evoluem sob a pressão de fatores sociais históricos e sociais. Portanto quem usa ou quem ensina uma língua precisa ter acesso a uma formação que o faça compreendê-la como um sistema complexo e seu mecanismo fonológico, lexical e sintático. Sistemas de base para apropriação e uso minimamente esperado de um indivíduo "letrado".

Ao se falar de domínio gramatical vale lembrar que ele é muito importante para se produzir um bom texto, como também para internalizar e refletir sobre o seu uso, no entanto

escrever bem requer os recursos necessários para a compreensão do texto: ter coerência e coesão. Se mel es o texto perde a unidade de sentido.

Para Bechara (2001), o enunciado não se constrói com um amontado de palavras e orações. Ele se organiza segundo princípios gerais de dependência e independência sintática e semântica, recobertos por unidades melódicas e rítmicas que sedimentam estes princípios. Por isso o professor deve atentar-se para o ensino de Língua portuguesa nas séries iniciais, no que diz respeito à produção de textos.

Em sala de aula, o professor deve dar atenção ao que seus alunos escrevem; no entanto, às vezes, isso não ocorre. O aluno pensa que o professor não vai corrigir sua produção textual e simplesmente não se dedica a escrever um bom texto. Por isso o professor não deve insistir na prática de uma escrita semleitor, semdestinatário.

Além disso, a escrita tem de passar por etapas como: planejamento, escrita e revisão. Sendo assim o professor precisa planejar as atividades de escrita que considere umleitor, umdestino e uma função. Dessa forma o professor não estará apenas cumprindo uma tarefa escolar, mas estará contribuindo e preparando o aluno para ser umescritor competente.

2.1 Como alcançar uma boa escrita?

Ferreiro (1993), no capítulo 2 do livro *Com todas as letras*, falou extensamente sobre a “consciência fonológica”, apresentada como umrequisito para a aprendizagem da leitura. Já no livro que ele publicou em 2002, intitulado *Relações de (in)dependência entre oralidade e escrita*, este autor abordou o mesmo tema de maneira mais ampla e com mais profundidade teórica.

Para alcançar escrita (...) não bastaria possuir uma linguagem seriaprediosa, além disso, certo grau de reflexão sobre a linguagem. O qual permitatomar consciência de algumas de suas propriedades fundamentais. Os fonemas existiram desde que existe a linguagem humana (...). Entretanto, o descobrimentoda ‘unidade lingüísticafonema’ é umfatorecente (p. 280 da edição de 1984; p. 294-295 da edição de 1999).

Isso mostra que a compreensão do sistema de escrita exige um primeiro nível de reflexão sobre a língua, porque ela foi aprendida em contextos de comunicação oral. No entanto, compreender a escrita, é considerá-la como um objeto e descobrir algumas de suas propriedades específicas, que não são evidentes nos atos de comunicação oral.

2.2 Os gêneros textuais e sua importância no ensino de língua

Anúncios, jornais, cartas, e-mail, biografia, receita, contos, requerimento, romance, são muitos os gêneros dos textos que circulam por aí. Marcuschi (2003) afirma que os gêneros textuais são fenômenos históricos profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades do dia a dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontáveis em qualquer situação comunicativa.

A produção de discursos não acontece por acaso, ou no nada, pois todo texto é organizado dentro de um determinado gênero. De acordo com esta perspectiva, os PCNs (1998) apresentam os diversos gêneros que existem e que, por sua vez constituem formas relativamente sólidas de enunciados, disponíveis na cultura caracterizados por três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional.

Martin (1985, p. 250), apresenta o conceito de que gêneros são a forma pela qual se fazem coisas quando a linguagem é usada para realizá-las. Com influência de Bakhtin (1987) e de expressivos antropólogos, sociólogos e etnógrafos, o autor tem uma visão histórica dos gêneros e os toma como altamente vinculados com as instituições que os produzem. A atenção não se volta propriamente para o ensino, mas para a compreensão do funcionamento social e histórico, bem como, sua relação com o poder.

Para Bronckart (1994, p. 12), os gêneros constituem ações de linguagem que requerem do agente produtor uma série de decisões para cuja execução ele necessita ter competência; a primeira das decisões é a escolha que deve ser feita a partir do rol de gêneros existentes, ou seja, ele escolherá aquele que lhe parece adequado ao contexto e à intenção

comunicativa; e a segunda é a aplicação que poderá acrescentar algo à forma destacada ou recriá-la.

Ao considerar gêneros textuais como formas verbais, orais e escritas que são resultados de enunciados produzidos na sociedade, e que, no âmbito de ensino e aprendizagem de português, são vias de acesso ao letramento, propõe-se que no ensino, as atenções estejam voltadas para os textos que encontramos em nosso cotidiano com padrões sócio-comunicativos característicos definidos por sua composição, objetivos enunciativos e estilos que são concretamente realizados por forças históricas, sociais, institucionais e tecnológicas. Dessa forma, a compreensão de gênero diz respeito à forma, ao conteúdo, aos propósitos comunicativos e ao percurso social.

No que diz respeito às práticas didático-pedagógicas de Língua Portuguesa, é necessário considerar a heterogeneidade de textos que já existe em nosso meio social e levar em conta a necessidade que tem o professor em tornar seus alunos habilitados leitores e produtores desses vários gêneros textuais. O desafio do professor está em criar situações em sala de aula que permitam aos alunos a apropriação dessa diversidade. Mas essa apropriação não deve limitar-se apenas ao que os livros didáticos trazem. Os professores precisam explorar também o conhecimento de mundo e a carga cultural que seus alunos trazem, pois os gêneros textuais servem como ferramenta essencial na socialização do aluno. A propositura do letramento social é um caminho para um competente desenvolvimento de habilidades de escrita.

3 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA LEITURA PARA A FORMAÇÃO DE LEITOR COMPETENTE

A prática da leitura em sala de aula é o único meio para um melhor aprendizado. O professor tem um papel importante na formação de um leitor competente; consciente de que a leitura contribui na formação de uma sociedade consciente de seus direitos e deveres. A leitura é um instrumento que proporciona melhoria na condição social e humana. O educador precisa se conscientizar da sua responsabilidade e deve ajudar seus alunos a terem acesso ao

conhecimento por meio das diversas fontes de informações, encontradas nos livros, artigos, entre outros gêneros textuais. É através da leitura que o indivíduo se conscientiza e interage socialmente.

A prática da leitura proporciona a ele um conhecimento de mundo, e conhecimento de texto que o faz apto a construir uma interpretação pessoal, independente, criativa. Vale ressaltar que não basta ler, é importante analisar, saber interpretar aquilo que se leu, e, sobretudo saber identificar a interação dos elementos textuais com os conhecimentos do leitor, quanto maior for a concordância entre eles maior a probabilidade de êxito na leitura.

De acordo com Krieger (2002) que diz: “Ninguém se torna leitor por um ato de obediência, ninguém nasce gostando da leitura. A influência dos adultos como referência é bastante importante na medida em que são vistos lendo ou escrevendo”. A influência aqui mencionada pela escritora ressalta bem a importância do incentivo do professor para a prática da leitura em sala de aula.

3.1 Leitura e seus desdobramentos

Para que a leitura seja eficaz é preciso que o leitor tenha um objetivo determinado, ele precisa saber para que vai ler o texto que foi escolhido, e estabelecer previamente uma expectativa em relação ao conteúdo escolhido.

De acordo com Ana González (2007) “O bom leitor em geral tem um desejo a ser cumprido, sabe o que vai procurar, ao longo da leitura, se ele estiver realmente envolvido saberá discriminar se houver uma frustração de expectativas ou a sua efetivação”. Portanto, o leitor deve primeiro escolher o texto de acordo com o tema a ser pesquisado, e logo identificar se ele está em acordo com o contexto de seu interesse, ou de sua análise. Se houver realização na leitura, haverá desdobramentos a partir do que foi lido. Sendo assim nas expectativas do leitor já se constroem referências, neste ponto, a sua leitura já começou. Ainda segundo a autora:

“O texto permanece arquivado, pode-se dizer, em nosso repertório mental”. “As informações, que são acrescentadas a cada nova leitura, ficam disponíveis no campo da memória e podem ser usadas na formação da rede de idéias que compõe nosso arquivo pessoal”.

A partir daí começa o processo de desenvolvimento cognitivo do leitor, proporcionando-lhe conhecimentos, o que torna possível aumentar a quantidade de informações a respeito de assuntos a cada nova leitura que ele fizer.

3.2 Leitura versus postura ativa do leitor

Sabemos que para se obter êxito na leitura é preciso haver um diálogo com o texto lido, questionamentos criados a partir do que se leu é de suma importância para entender realmente o que está escrito, uma antecipada preparação psíquica no que diz respeito ao assunto lido, proporcionará ao leitor novas idéias, partidas de seus questionamentos, o que o levará a uma postura ativa na interlocução e o fará participar de forma crítica sobre o que ele leu. Orientado pela prática do letramento, o professor deverá direcionar seu trabalho no ensino de leitura de forma a oferecer caminhos metodologicamente planejados para que o seu aluno assumira uma postura ativa de leitor e não a de mero decodificador de mensagens.

4. A IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO PARA A FORMAÇÃO DE UM LEITOR LETRADO

Como já vimos o processo de integração de qualquer ser humano se realiza efetivamente através da aquisição da leitura e da escrita, e isso se dá a partir da educação infantil, é no processo de alfabetização que o professor terá um papel fundamental em

contribuir no seu desenvolvimento cognitivo da criança através da leitura, a ponto de se tornar um leitor letrado.

Segundo Freire (1982) “A leitura da palavra precede à leitura do mundo”, e nesse contexto, revela-se que a criança em nenhum momento deve ser tratada como analfabeta, vazia de conhecimento da realidade que a cerca, por isso cabe ao educador refletir sobre em que bases educativas seu desenvolvimento cognitivo pode ser realizado. O que Freire diz em relação à leitura no processo de alfabetização, é que nenhum educador deve ignorar o conhecimento prévio que o aluno possui. Segundo o educador, a criança já tem uma visão mínima de mundo, por isso não deve ser tratada como analfabeta, pelo contrário.

Entender a alfabetização e o letramento como processos interligados, complementares e indissociáveis, é o que se espera do professor, já que enquanto alfabetizar pressupõe aprender o sistema de escrita alfabética, dominando as relações letra/ som para usá-las quando se lê ou se escreve, desenvolvendo as competências para o uso dessa tecnologia nas práticas sociais de leitura e de escrita, o desafio de alfabetizar em um contexto de letramento pressupõe aprender a ler para: decifrar o escrito, compreender e interpretar textos de diferentes gêneros que circulam nas práticas sociais, e para escrever: dominar as relações letra/ som para escrever autonomamente, produzindo textos de diferentes gêneros que circulam nas práticas sociais, percebe-se que qualquer que seja o caminho, todos devem considerar a função social das práticas de ensino na escola.

Para Mílda Soares (1978), um grave problema é que há professores que se preocupam com a alfabetização sem se preocuparem com o contexto social e que os alunos estão inseridos, “De que adianta alfabetizar se os alunos não têm dinheiro para comprar um livro ou uma revista?” A escola além de alfabetizar, precisa dar condições necessárias para o letramento. A educadora faz uma crítica ao Programa *Brasil Alfabetizado*, do Ministério da Educação, que prevê a alfabetização de 20 milhões de brasileiros em quatro anos. Para ela o programa irá, na melhor das circunstâncias, minimamente alfabetizar as pessoas num sentido restrito “Onde elas aprendem o código, a mecânica, mas depois não saberão usar”.

Um ponto importante para letrar, diz Mílda, é saber que há distinção entre alfabetização e letramento, entre aprender o código e ter habilidade de usá-lo. A educadora argumenta ainda que a alfabetização da criança precisa de materiais escritos de qualidade, “Assim ela se alfabetiza sendo, ao mesmo tempo letrada, é possível se alfabetizar letrando por meio da prática da leitura e da escrita”.

5. LETRAMENTO DIGITAL

O processo de informatização tornou-se tão imprescindível, nos dias de hoje. Não dá para continuar ensinando os alunos apenas utilizando a lousa, ou quadro negro e o giz. Há a necessidade de buscar muito mais além, criar um novo perfil para que haja uma interatividade maior na orientação para a aquisição de conhecimento, de maneira que seja rápida, diversificada e proporcione uma reflexividade maior quanto àquilo que se conhece, que se aprende e que se dissemina. É a presença da tecnologia na Era do conhecimento.

Aprender a ler e a escrever, nos dias de hoje, não é suficiente, é preciso ir muito mais além da própria alfabetização; faz-se necessário que ambas: leitura e escrita, faça parte da prática diária do indivíduo. No caso do Letramento digital, é preciso não só saber digitar e em um computador. É preciso compreender os recursos que a informática oferece para a formação de um indivíduo que usa as tecnologias digitais a seu favor.

Um dos grandes desafios para escolas, educadores e sociedade é justamente a exclusão digital, ou analfabetismo digital. A exclusão digital não é apenas um problema dos países de terceiro mundo, é um problema global, que vem sendo discutido desde meados da década de 1980.

O papel de quem conduz o ensino não deve ser o de retardar os problemas e nem as mudanças, mas de acelerar as habilidades e competências requeridas, reconhecendo-os e resolvendo-os.

Os organismos relacionados à educação na Sociedade da Informação (educadores, instituições de ensino e professores), poderão gozar de grande longevidade se tiverem uma direção segura para saber o que estão fazendo, para onde estão indo e o que farão quando chegarem lá, além de precisar de visão e flexibilidade para romper com métodos e metodologias do passado, inovando suas estratégias por meio das tecnologias digitais.

Frade (2001), afirma que há vários alfabetizados que podem ser considerados analfabetos digitais, pois talvez atenha o conhecimento das práticas sociais de uso dessas tecnologias, mas não domina os códigos que permitem acessá-las, impossibilitando assim de utilizar seus comandos para digitar um texto, iniciar e finalizar uma atividade no computador. Soares (2002, p.151) define Letramento digital como “(...) certo estado ou condição que adquirimos que se apropriamos da nova tecnologia digital e

exercem práticas de leitura e de escrita na tela diferente do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel”.

É preciso dominar as tecnologias da informação – computadores, softwares, internet, correio eletrônico, serviços, etc., que vão além de aprender a digitar, a conhecer o significado de cada tecla ou o uso de um mouse. É necessário ser capaz de extrair conhecimento. As tecnologias da informação e da comunicação têm provocado grandes impactos na vida das pessoas, seja na educação, no trabalho e em todos os ambientes sociais.

O professor de Língua Portuguesa poderá transformar a dinâmica de suas aulas a partir da tela de um computador, ilustrando conteúdos, aplicando efeitos animadores, promovendo uma interatividade maior a partir da variedade de códigos e linguagens que circulam nesse meio, trazendo para a sala de aula uma realidade, ainda considerada não escolar por muitos.

Soares (2003), afirma que letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e a escrever dentro de um contexto no qual a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida das pessoas. É importante ressaltar que não se adquire a condição de letrado de uma hora para outra, como diz Goulart (1999), para ele a inclusão e a participação numa sociedade letrada passa por conhecimentos de ordem prática, filosófica, científica e artística, como também por gestos, hábitos, atitudes, procedimentos e estratégias que constituem valores sociais e comportamentos socialmente instituídos.

5.1 Aplicabilidade de recursos tecnológicos no ensino de Língua Portuguesa

Faz-se necessário que o professor seja conhecedor dos recursos que a informática oferece para a aplicabilidade no ensino de língua portuguesa nos mais variados modos, facilitando, dinamizando e potencializando a aprendizagem do aluno.

A partir do acesso aos processos tecnológicos, utilizando o próprio computador com os alunos, o professor de Língua Portuguesa poderá aplicar atividades interativas como preenchimento de formulários, e assim averiguar a ortografia; apresentar histórias, contos, poesias, aferindo a morfologia e a sintaxe existentes nos textos, troca de e-mails entre os

alunos, mostrando um novo meio para a construção de texto, mediante orientações dos elementos estruturais, apresentação de uma notícia de jornal, exibindo os elementos formadores de um texto jornalístico, introduzindo dessa forma a confecção de um jornalzinho na própria escola, com assuntos pesquisados em sites, construindo o domínio da leitura e da escrita mediante as práticas sociais do grupo.

Coscarelli (2003) afirma que, uma vez denominados os recursos da leitura e da escrita, ficamos o resto de nossas vidas aprendendo a ler e a escrever, a dominar cada vez mais os recursos da escrita e estratégias da leitura. Esses processos não se encerram na alfabetização. Uma vez dominados os recursos básicos da leitura e da escrita, não importa mais e m que método fomos alfabetizados, mas que concepção de texto, de leitura, de escrita e de aprendizagem a escola está nos ajudando a desenvolver”.

Para que essas transformações ocorram a escola precisa estar equipada com computadores e com recursos disponíveis neles; professores dominando essas tecnologias, mediante planejamento com toda a equipe de educadores para tornar prático, acessível e significativo na vida dos alunos. Coscarelli (2007, p. 32), ainda reforça que a escola precisa encarar seu papel, não mais apenas de transmissora de saber, mas de propiciadora de um ambiente de construção do conhecimento. Os alunos precisam saber aprender, saber onde encontrar as informações de que precisam e ter autonomia para lidar com essas informações, avaliando, questionando e aplicando aquelas que julgarem úteis e pertinentes. Para isso é imprescindível que a escola abra mão de conteúdos rígidos e predeterminados, e seja capaz de administrar a flexibilidade exigida daqueles que querem adotar uma postura de construção do conhecimento. Assim conseguir-se-á, a partir do que os alunos já sabem e não do que já deveriam saber ou do que a escola acredita que eles não sabiam ajudá-los a conquistar novos espaços.

Mais do que ter aula de informática, deve-se usar a informática para favorecer o acesso a ela, transformando-a em aliada para a aprendizagem principalmente das camadas populares, de forma que a escola não contribua para mais uma forma de exclusão de seus alunos, deixando-os à margem da sociedade contemporânea que exige dos cidadãos conhecimentos cada vez mais atualizados e amplos.

Utilizando-se a informática, não apenas como disciplina, mas como mais um recurso de construção do saber, torna-se mais fácil a compreensão, por exemplo, das regras de acentuação gráfica, quando através da tela do computador, o aluno começa a transcrever

palavras para um suposto preenchimento de formulários, ou respondendo a questionário na própria tela, já que aparecerá sublinhada a palavra que não foi escrita corretamente. Dessa forma o aluno vai construindo sua aprendizagem da ortografia e m “tempo real”, corrigindo e assimilando rapidamente o conteúdo.

A escrita na tela do computador possibilita a criação de um texto diferente de um texto no papel, o hipertexto, definido por Lévy (1999, p. 56), como “um texto móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor”, e que para Soares (2002, p. 150), o hipertexto é escrito e é lido de forma multilinear, multi-sequencial, acionando-se links que vão trazendo telas numa multiplicidade de possibilidades, sem que haja uma ordem definida. A tela traz mudanças nas formas de interação entre o escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto e até mesmo, mais amplamente, entre o ser humano e o conhecimento. Assim afirma Raimal (2002, p. 84):

Estamos chegando à forma de leitura e de escrita mais próxima do nosso próprio esquema mental: assim como pensamos e hipertexto, sem limites para a imaginação a cada novo sentido dado a uma palavra, também navegamos nas múltiplas vias que o novo texto nos abre, não mais em páginas, mas em dimensão superpostas que se interpenetram e que podemos compor e recompor cada letra

5.2 A intertextualidade digital

A Internet tornou-se um veículo cada vez mais presente e interativo na vida das pessoas, aproximando as informações de um pólo a outro. O que não era realidade passou a ser real, mais próximo, mais atraente e podendo fazer parte do cotidiano dos alunos. Acessando a Internet, eles poderão ter acesso a uma infinidade de textos de jornais, revistas, conhecer museus, galerias, parques, zoológicos, cidades do mundo inteiro, entrar em contato com autores, visitar fábricas, ouvir músicas, ter acesso a livros, pesquisas.

Segundo Coscarelli (2007), enviar e-mail para os colegas é uma atividade prazerosa e que contribui para o letramento digital.

A intertextualidade pode acontecer à medida que, de acordo com Goulart (1999) navegar na Internet, por sua vez, nos possibilita acessar muitos textos e de gêneros variados,

ao mesmo tempo, por meio de links que vamos acessando: um texto se abre, então, e em muitos textos, operacionalmente, e não mais só em nível metafórico, se relacionar nos à leitura de textos escritos e mpapel. Em tempo hábil o aluno poderá comparar, levantar questionamentos acerca de determinados assuntos existentes nos textos, e expressar seu ponto de vista, mediante o conhecimento já adquirido nos próprios textos, fomentando o senso crítico na construção do saber. O professor poderá ser o mediador desse processo, orientando o aluno para as múltiplas formas de construção de textos, para os diferentes níveis de linguagem expressos nos textos apresentados.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante repensar o ensino de língua portuguesa, considerando que só haverá mudança e alcance de melhores resultados se o ensino da gramática quebrar antigos paradigmas que “engessam” a aprendizagem limitando-a ao uso de normas e nomenclaturas que já não dão conta de um projeto de ensino que seja capaz de dar a devida função social ao que se ensina e ao que se aprende. Por isso, neste estudo, defende-se e apresenta-se as concepções do letramento social que, aliás, hoje pode ser denominado de letramentos, incluindo, incontestavelmente o letramento digital, caminho sem volta que divide com a escola a responsabilidade de preparar indivíduos cada mais inseridos e num mundo dominado por uma diversidade de linguagens que já ultrapassaram os muros da escola. Espera-se que o professor encontre apoio dos organismos governamentais para que ele amplie seu papel de mero transmissor de nomenclaturas e regras defasadas no ensino da gramática, para um papel de quem contribui para que a escola assumam seu papel social, aqui, especialmente o de língua portuguesa, no sentido da promoção das mudanças requeridas para que seu aluno saia da escola com conhecimentos suficientes para ser um cidadão crítico, autônomo, crítico e consciente dos seus direitos e deveres, capaz de atuar de forma mais legítima e eficiente nos meios em que viver.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, Marcos. **Língua Materna: letramento, variação e ensino** / Marcos Bagno, Gilles Gagné, Michael Stubbs. São Paulo: Parábola Editorial, 2002. (Na ponta da língua; v 03).
- BRI TTO, Luiz Percival Le me. **Letramento no Brasil**. 1. ed. Curitiba: IESDE Brasil S A, 2005.
- CALVET, Louis Jean. **As políticas lingüísticas**. Trad Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen, Marcos Bagno São Paulo: Parábola. 2007.
- CORREIA, Jane Antonucci.; SALEH, Pascoalina Bailon de Oliveira (organizadoras) **Práticas de letramento no ensino: leitura, escrita e discurso:** / Marcos Bagno ...[et. al.]. São Paulo: Parábola Editorial; Ponta Grossa, PR: UEPG. 2007. –(Na ponta da língua; 19).
- COSCARELLI, Carla Viana. **Livro de receitas do professor de português**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- COSCARELLI, Carla Viana.; RIBEIRO, Ana Eliza (organizadoras). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 2. ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007 – (Coleção Linguagem e Educação).
- FEITOSA, Vera Gristina. **Redação de textos científicos**. 4. Ed. São Paulo: Papyrus, 1991.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Revista e ampliada. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2001.
- GONZÁLEZ, Ana Maria Méndez. **Você sabe (mesmo) ler?** Leitura, o sutil mundo das palavras. 1. ed. Edições Anagon, junho 2007.
- GOULART, C M A. **Uma reflexão sobre a prática da alfabetização**. Folha PROLER, 9, Fundação Biblioteca Nacional/ Casa da Leitura, Rio de Janeiro, p. 7-8, 1999.

SOARES, M B; Campos, E N **Técnica de Redação: As Articulações Linguísticas com o Técnica de Pensamento**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

SOARES, Mgda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SOARES, Mgda. **Linguagem escolar: uma perspectiva social**. 17. ed. São Paulo: Ática, 2006.

Sites consultados:

Keylapi nheiro.blogspot.com/aula-de-portugues-encontro-e-interac

www.sl.nb.ueg.br/iconeltras/artigos/vol1n4/adriana_santos.pdf